

VELHICE E EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA: UM IMPERATIVO PARA UM CONVÍVIO MAIS HUMANO

Raimunda Silva d' Alencar¹

Resumo. Embora já superada a falsa idéia de que velhice e educação não traduz uma relação adequada, a experiência de educação desenvolvida na Universidade Estadual de Santa Cruz, há doze anos, continua enfrentando desafios importantes, em especial pelo pouco envolvimento de docentes para uma contribuição efetiva nas atividades desenvolvidas, situação que acarreta desgaste para quem coordena. A proposta deste artigo é refletir sobre a trajetória dessa experiência, que vem oferecendo oportunidades às pessoas idosas do entorno da Universidade enquanto espaço de construção de saberes. Essas oportunidades tem contribuído para melhorar o nível de conhecimento e informações, valorizar e elevar a auto-estima, colaborando efetivamente com a melhoria da qualidade de vida desse segmento.

Palavras-chave: educação de idosos – universidade aberta – velhice

AGING AND EDUCATION THROUGH LIFE: AN IMPERATIVE FOR HUMANE CONVIVIALITY

Abstract. Although the idea that old age and education does not reflect an appropriate relationship is long overcome, the

¹ Profa. Assistente da UESC/DFCH. Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento. Ilhéus, Bahia (r_alencar2@yahoo.com.br)

experience of elderly education developed at the University of Santa Cruz for the last twelve years continues to face significant challenges, especially with the limited number of teachers involved on effective contribution in activities, a situation discourage the coordinators. The purpose of this paper is to discuss this experience and how this project has provided opportunities for older people in the University surroundings and how they see it as an area of building knowledge. These opportunities have contributed to improve the level of knowledge and information, to enhance and raise self-esteem, contributing for the quality of life of elderly.

Keywords: education for older people - Open University - old age

INTRODUÇÃO

Apostando em um novo sistema de formação continuada, as universidades abriram definitivamente as suas estruturas para um dos segmentos mais visíveis atualmente, o idoso brasileiro. Basta que se considere, nos últimos dez anos, os encontros, congressos, seminários, fóruns, sobre velhice e envelhecimento ou temas a eles vinculados, cada vez mais crescentes.

Nesses eventos, tem sido possível constatar o incremento de cursos e pesquisas voltadas para maiores de cinquenta anos, traduzindo uma proposta de inovação das universidades ao crescente segmento idoso da população, bem como o avanço e aprofundamento de estudos buscando responder às múltiplas expectativas demandadas por essa emergente e heterogênea velhice.

Essas mudanças, relevantes não apenas no campo demográfico, estimuladas por melhorias das con-

dições de vida da população, ampliam-se para a solidariedade, estimuladas hoje por um Estado com necessidades de reduzir custos financeiros públicos, passa pelo desenvolvimento de serviços sociais direcionados aos idosos, chegando às mudanças nos meios de comunicação e nas leis que, movidas pela visibilidade da velhice, imprimem novas imagens e reclamam melhorias nas condições sanitárias, de segurança, de acesso à educação e à cultura.

O idoso nas universidades tem representado um grande desafio, seja porque questiona o modelo ensino-aprendizagem orientado basicamente para créditos, diplomas, certificados, seja pela preocupação com a formação dos profissionais da educação, cada vez mais exigidos em competência, seja pela necessidade de reflexão em torno da revisão da educação mesma que, como outros territórios sociais, vive incertezas, desafios, contradições mas, principalmente, pelo espaço de cidadania que o idoso tem conquistado. Além disso, para o idoso representa um bom momento para retomar a formação e o desenvolvimento pessoal, enquanto realidade inacabada.

Uma das questões importantes a considerar é que os maiores de sessenta anos, apesar da associação que ainda se faz de velhice com doença, estão plenamente produtivos, muitos continuam trabalhando, pesquisando, ocupando-se da saúde física e buscando, na atividade intelectual, uma maneira saudável de continuar interagindo, em movimento.

Ao considerar os sete saberes necessários à educação do futuro, MORIN (2002, p. 15) assinala que

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. E preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos...

Nesse sentido, vale a pena questionar com o que se interessam os idosos e com o que deve se preocupar a educação para essa nova geração de pessoas. Outras tantas questões podem ser formuladas a partir daí. Seria uma educação para viver saudavelmente a vida, ou só para a etapa da velhice? As estruturas das escolas estariam preparadas para garantir a formação dos idosos nas dimensões da vida e da velhice? Como garantir isso, se parte considerável desses idosos não teve acesso à educação formal nas fases pretéritas de suas vidas e hoje, jubilados do trabalho, sobrevivem com parcas aposentadorias que mal garantem a sobrevivência cotidiana, não lhes sobrando para pagamento de cursos (algumas IES cobram pelas atividades oferecidas e, lamentavelmente, ainda há professores que se perguntam o que fazer com esses idosos em sala de aula e o que lhes ensinar)? Como garantir isso se parte considerável da juventude também não consegue acesso a essa educação e aqueles que conseguem lá não permanecem? Como garantir isso se parte considerável dos professores não foram preparados para lidar com alunos

em faixas etárias mais avançadas, e continuam tratando-os como se ali não fosse o seu lugar? Considerando esses questionamentos, os desafios são muitos, tanto para professor como para organizações de ensino e para as próprias pessoas idosas.

Para parte dos docentes, ainda acostumados a lidar com expectadores sem experiência, um dos grandes desafios é compreender que o idoso é um sujeito ativo, experiente e, como tal, deve ser tratado. Além disso, os docentes são desafiados a trabalhar no sentido de valorização da vida, muitos deles lutando pela própria sobrevivência, tratados por quem os emprega sem a devida valorização e exigidos como responsáveis pelos males atribuídos à educação. A exigência tem sido de que cada docente coloque o seu conhecimento a serviço da melhoria da auto-estima dos outros, no caso os idosos, fazendo com que se sintam úteis, saudáveis e pertencentes; a grande questão é que muitos dos docentes, hoje, vivem desencantados com a educação, porque também desencantados com a vida, angustiados, sem perspectivas de melhorias na sua qualidade de vida, fragilizados pelos baixos salários pagos por estados e municípios, que não garantem uma rotina de leveza, prazer e alegria.

O que precisamos levar em conta é que os idosos que hoje buscam as universidades são aqueles que têm autonomia de movimento e sabem da capacidade que têm de conduzir o próprio destino, de compartilhar com outros a oportunidade de viver a própria história, em um mundo onde as mudanças ocorrem cada vez mais velozes; são idosos que desejam estar atentos às questões atuais, que precisam compreen-

dê-las e delas participar. Sentem necessidade de voltar a atenção para as questões do seu tempo, que é agora, para perceber as possibilidades de reinvenção dos espaços gestados nas inúmeras experiências da vida, sejam espaços públicos ou privados. Têm consciência de que educar-se, é fazer-se cidadão. E ser cidadão é estar apto a participar da vida pública, tomando-a como a capacidade de interagir e de intervir na realidade, de conviver social e cotidianamente, de pertencer.

2 UMA QUESTÃO DE CIDADANIA – A PREOCUPAÇÃO COM O OUTRO

A concepção de cidadania não é linear no tempo, tampouco universal no conteúdo. “No esplendor da polis grega e cidade-estado romanos, eram cidadãos apenas os homens que participavam da vida pública na cidade (SOARES, 2004, p.44). Atualmente, de acordo com essa mesma autora, a cidadania é compreendida como o conjunto de deveres e direitos – individuais, sociais, econômicos, políticos e culturais – e, essencialmente, como participação na vida pública (SOARES, 2004, p. 43-65).

O conceito de cidadania traz a idéia de relação social; e a relação social se caracteriza pela relação entre sujeitos: eu-outro. “os seres humanos devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano” (MORIN, 2002, p. 47). E uma relação, como todos sabem, demanda reciprocidade, respeito, solidariedade. De acordo com Ferrei-

ra (1993, p. 220), “é um péssimo cidadão aquele que não consegue ser generoso ao ponto de limitar, minimamente que seja, seus próprios interesses diante de interesses coletivos”. Aqui está o grande desafio, dada a dificuldade de conciliar a própria necessidade com a necessidade do outro.

Como afirma ainda essa autora (ibidem, p.219), “se não somos deuses, se por natureza somos carentes, se nossa liberdade esbarra sempre na liberdade do outro, se o homem só se isola em sociedade, o que nos resta, senão com-viver?”. Assim, a cidadania deve ser compreendida como a possibilidade concreta de compartilhar espaços com outras pessoas, de participar de forma eficiente e criativa na construção da sociedade, considerando especialmente que essa participação não se faz de maneira solitária; ao contrário, resulta de uma ação conjunta de homens e mulheres em contexto e tempo determinados, marcado por valores criados por esses mesmos homens e mulheres. Daí dizer-se que todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. *Quem somos é inseparável de onde estamos, de onde viemos, para onde vamos.*

A cidadania é, pois, uma questão que ainda não envelheceu na agenda social e política brasileira. Uma educação que dê conta dessa construção deve, como quer Morin (2002, p. 13-18), centrar-se na condição humana, no conhecimento das disposições psíquicas e culturais que conduzem o homem ao erro ou a ilusão, na idéia de que os seres humanos, todos, partilham o mesmo destino; deve centrar-se no ensino das incertezas, dos imprevistos, do desconhecido,

no ensino da compreensão e da tolerância, para corrigirmos a nossa incapacidade de viver com, na consciência de que ser humano é ser, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade e parte da espécie.

3 Os Espaços de Aprendizagem ao Longo da Vida

A educação vem ocupando cada vez mais um significativo espaço na vida das pessoas, e está na ordem do dia, na medida em que o seu papel na dinâmica das sociedades modernas também é ampliado. Como afirma Ferreira (1993, p. 23), “educar o homem para a cidadania não é mais um dilema, mas um imperativo social”. De outro lado,

Não basta ... que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar a altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança (DELORS, 2000, p. 89).

As possibilidades de aprendizagens são cada vez múltiplas, e a necessidade contínua de saberes também se faz maior, embora o jovem se desencante cada vez mais pela educação. O contexto cultural é mais exigente, daí a necessidade de se oferecer ao idoso espaços educativos que lhe permitam incrementar seu poder pessoal para manter-se saudável e integrado a seu contexto. O que temos acompanhado é que os

idosos que retornam à sala de aula parecem se reencontrar pela educação, parecem estar seduzidos por ela, pelo prazer de conhecer, de compreender, ainda que parte considerável dos professores não vivam essa mesma sensação. O desafio está, exatamente em que, dispondo de mais tempo de vida, vivendo mais, passa a dispor de mais tempo livre e, por consequência, a estabelecer novas demandas, novas exigências para continuarem inclusos e participantes ativos da vida social, da mesma forma que apontam novas contribuições à mesma.

Nesse sentido, a educação se transforma em uma das ferramentas mais importantes para permitir aos idosos manterem-se social e mentalmente competentes o que, sem dúvida, melhora a sua qualidade de vida. Além disso, a continuidade da educação para o idoso pode significar a desconstrução de fronteiras entre o velho e o novo.

Aprender ao longo da vida é uma exigência cada vez mais premente às pessoas que precisam continuar inclusas nos contextos de pertencimento. Mas Delors (2000, p. 105) sinaliza uma perspectiva preocupante ao afirmar que

[...] a medida que se generaliza o desejo de aprender, garantia de maior realização pessoal, corre-se o risco de ver aumentar, também, a desigualdade, porque a insuficiência da formação inicial, ou a sua ausência, podem comprometer gravemente a continuação da educação ao longo da vida.

O desnível de escolaridade, que alcança parcela

da população idosa, é também gerado pelos níveis de desigualdade nas condições de sobrevivência. É ainda Delors quem afirma que “quanto mais formado se é, mais desejo se tem de formação, e esta tendência é observada tanto em países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento”. De outro lado, e apesar dos avanços já conquistados, não se pode desconsiderar que vivemos uma fase crítica da educação, em que jovens chegam às universidades sem conseguir domínio básico de conhecimento, inclusive da língua materna, sem saber interpretar um texto que lê, sem saber construir ou dar sentido a uma frase que escreve ou fala.

4 A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COM IDOSOS NA UESC – UM PROGRAMA DE EXTENSÃO

A Universidade Estadual de Santa Cruz, depositária de uma cultura científica e de valores da sociedade sul baiana tem, entre suas funções, a de ampliar a participação das áreas acadêmicas junto à comunidade do seu entorno, potencializando a convivência e a troca de experiências entre diferentes segmentos sociais e indivíduos, independente da idade, escolaridade, cor, religião e condição social.

O tema da velhice e do envelhecimento foi colocado na agenda da Universidade Estadual de Santa Cruz em 1997, através de um projeto de pesquisas que teve como objetivos: analisar a situação de pessoas inclusas em diferentes categorias ocupacionais (bancários, funcionários públicos administrati-

vos, professores, comerciários, motoristas), seus estilos de vida, interesses, suas representações em torno da velhice, percepção dos serviços oferecidos à população idosa.

Uma vez aprovada, após exatos onze meses de tramitação (fruto de resistência com o tema) a pesquisa foi desenvolvida e sinalizou um amplo desconhecimento da questão pela população local, uma carga de preconceitos presentes nas falas de pessoas que integraram a amostra da pesquisa, e um forte isolamento dos já idosos (aqueles com idade igual e superior a 60 anos). A partir desses sinais, foi realizado o I Encontro da Universidade com a Terceira Idade². A idéia foi discutir aquilo que a pesquisa sinalizou e interpretamos, as questões de desconhecimento, preconceito e isolamento. Realizado em dois dias, o evento contou com 250 participantes, uma oferta de cursos, oficinas/vivências em torno de temas como música, biodança, família, religiosidade/espiritualidade, técnicas de meditação, ocupação do tempo livre, educação ambiental, planejamento do gasto doméstico, estética, exibição e comentário de filme, além de painéis e mesas-redondas, onde foram discutidos Envelhecimento com Dignidade e Legislação na Teoria e na Prática.

A avaliação positiva desse Encontro e as demandas decorrentes motivaram a elaboração de um Pro-

² Incluiu-se no cartaz e programação as expressões terceira idade, melhor idade, feliz idade, quarta idade, maior idade, pessoa maior, preocupados em utilizar expressões como velho, idoso ou velhice e, com isso, afastar a possibilidade da presença de um maior número de pessoas da comunidade.

grama de Educação Continuada, que contemplou pessoas a partir dos 50 anos de idade, e a chamada “geração Pivô”, para aquelas pessoas que, ainda trabalhando, estavam em fase preparatória para a aposentadoria. Os objetivos desse Programa, focados na educação, também definidos em função do que sinalizou a pesquisa, contemplaram a saúde, o auto-conhecimento e a interação social, estabelecendo-se como objetivos: a conscientização dos participantes sobre o papel da educação como um direito fundamental do homem e como possibilidade de singularizar o processo do envelhecimento, reintegrando e dando autonomia a quem o vive; proporcionar a oportunidade de conhecer e refletir sobre o próprio processo de envelhecimento, motivando o auto-conhecimento e a prevenção de problemas com a própria saúde; promover a sociabilidade, a integração e a troca de experiências entre os participantes e entre estes e a Universidade. Configurado em dois módulos, cada módulo se desdobrou em três ações. O primeiro, Envelhecimento e Qualidade de Vida, foi configurado em projetos, como: a) *Viver com Saúde*, um ciclo de palestras proferidas por profissionais da área da saúde e discussão de temas como *Fisiologia do Envelhecimento; A Alimentação como uma Questão de Respeito ao Próprio Organismo; As Tecnologias da longevidade, com foco nas vitaminas, hormônios e cirurgias plásticas; O Isolamento, a Depressão e a Autoestima; As Doenças crônico-degenerativas; Os perigos do tabagismo, alcoolismo e auto-medicação; A sexualidade e o afeto – rompendo preconceitos; Saúde da família e prevenção: uma questão de inteligência; O*

papel da família na (re)socialização do idoso. Considerando que a idéia com essa ação era desenvolver a capacidade de escuta das emoções e seus reflexos no próprio corpo, após cada palestra os integrantes participavam de uma terapia vivencial desenvolvida por terapeuta corporal.

O segundo projeto foi uma *Oficina de Dança*, cujo propósito era ampliar as possibilidades de expressão da pessoa idosa, conscientizando-a da necessidade do auto-conhecimento, estimulando-a a pensar a sua corporalidade como um complexo que vai além do corpo, pois envolve emoção e sociabilidade. A avaliação desse curso pelas idosas chama a atenção: *ajudou a desenvolver meu corpo e minha mente; me ajudou a soltar as emoções; aproveitei a oportunidade para me soltar mais, pois sou muito tímida; me ajudou a ter vida e momentos saudáveis, conheci pessoas novas; acho que passei a acreditar mais na vida; me ajudou a ficar livre de aborrecimentos, angústia, desânimo; passei a ter mais vontade de viver, depois dos 67 anos.*

O terceiro projeto foi *Ginástica / motricidade na Terceira Idade*, trabalhada dentro do conceito biopsicológico de reeducação de movimentos e de ressignificação da linguagem do corpo, na busca de autonomia e manutenção da capacidade funcional. Foi desenvolvida duas vezes por semana uma hora por dia.

Já o segundo Módulo, intitulado *Atualização Cultural*, também foi configurado em três projetos: *Informática para a Terceira Idade*, com o propósito de ampliar as possibilidades de comunicação e de uso da tecnologia. O segundo projeto desse Módulo foi *Ge-*

ração Pivô – Preparação para a Aposentadoria, cuja idéia foi refletir sobre a aposentadoria como oportunidade para novas habilidades e envolvimento, a partir do auto-conhecimento e desenvolvimento da auto-estima, além de discutir questões cotidianas, trabalhistas e previdenciárias; e o terceiro projeto foi uma *Oficina de Leitura*, cujo objetivo foi desenvolver a capacidade de perceber, construir e interpretar os múltiplos textos que a realidade oferece, além de desenvolver a compreensão de que as leituras individualmente construídas possibilitam multi interações.

Finalizada essa primeira experiência, diretamente vinculada ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e desenvolvida em apenas dois meses, foi submetido à apreciação do Conselho Superior um segundo Programa, iniciado junto com o calendário letivo de 1999, ano internacional da pessoa idosa e ano em que a UESC sediaria o VI Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e o V Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade. Esse segundo Programa já teve um caráter mais duradouro no tempo (funcionou de janeiro a dezembro) e contou com 545 participantes. Em 2000, 2001 e 2002 o Programa continuou sendo desenvolvido, porém com alterações, introduzindo-se novas atividades e temáticas às já existentes, mantendo-se, no entanto, a idéia da interação social pela via da educação e educação em saúde. Essa alteração atendia às demandas suscitadas pelos alunos e oportunidades de envolvimento de diferentes profissionais que colaboravam, como voluntários ou recebendo *pro-labore*. Assim, foi possível

contar com a discussão de temas os mais diferentes, a exemplo de: 1) cursos (*Ecologia Humana; Musicoterapia; Noções de Gerontologia; Valores, Emoções e Qualidade de Vida; Cuidadores de Idosos – 08 turmas; Comunicação Mediada por Computadores - 06 turmas; Fitoterapia; Formação de Líderes para Atuação em Grupos da Terceira Idade; Memória e Identidade; Hidroginástica; Criando com as Mãos; Estética Corporal e Facial; Introdução à Tanatologia: lidando com as perdas; Representação Social da Velhice; Artes Plásticas; Planejamento dos Gastos Domésticos; Cultura Afro-Brasileira; Leituras do Mundo; História da Arte; Descobrendo Talentos Literários; Noções de Antropologia Cultural; Auto-massagem; A Arte de Contar Histórias*); 2) Palestras sobre temas diversos (*Panorama Atual do Envelhecimento Brasileiro; Mitos e Verdades do Envelhecimento; A Importância do Exame na prevenção do Câncer; Um jeito Afro-brasileiro de Envelhecer; Direitos do Consumidor; A Amizade como Valor Humano; Osteoporose: é possível prevenir?; O Idoso Dependente e seu Cuidador: prazer ou sofrimento?; Auto-imagem Corporal: reflexos psicossociais na velhice; A Relação entre Autonomia, (in) dependência e saúde do idoso; Memória, Funções Intelectuais e Sensorio-motoras relacionadas ao envelhecimento; A Postura na Estabilidade Física da pessoa idosa; Problemas do Sono na Velhice; Os problemas da Visão no Indivíduo Idoso; A Função Social do Corpo; A Solidão e a Convivência com as Perdas; A Saúde Bucal; O Mal de Alzheimer: o que é e como tratá-lo; Câncer de Mama é Herança Familiar? A Espiritualidade Hoje: um único caminho? Violência e Maus Tratos contra a Pessoa Ido-*

sa; A Legislação e a Velhice; Sistemas de viver e Sistemas de Adoecer; As Múltiplas concepções da Morte e do Morrer; A Música e seus Encantos); 3) oficinas (Artes Plásticas; Literária; Estética Corporal e Facial).

Em fins de 2002, foi submetida à apreciação do CONSEPE uma proposta de criação da Universidade Aberta à Terceira Idade, uma ação permanente dentro da UESC, vinculando-se à Pró-Reitoria de Extensão.

5 A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UESC-UNATI) – UMA EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO

Viver é poder celebrar a vida em toda a sua grandeza e beleza. É aprender a dançar com a vida com flexibilidade, alegria, encantamento e leveza. [...] É vivenciar o crescimento interior que potencializa as ações em direção ao mundo exterior. [...] ... viver é necessariamente conviver consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o sagrado que existe dentro de cada um (MORAES, 2003).

A experiência desenvolvida a partir de 1998, através de ações de extensão, colocou para os professores envolvidos com a temática do envelhecimento algumas preocupações, dentre as quais: 1) a necessidade de um trabalho interdisciplinar que possibilitasse integrar e aprofundar aportes teóricos mais sistematizados das diversas áreas do conhecimento (sociologia, antropologia, história, filosofia, psicologia, direito, biologia, saúde, turismo, dentre outras) com a prática pedagógica; 2) a consciência de que, manti-

das as condições e estratégias até então desenvolvidas, a UESC não conseguiria ampliar o seu universo de atendimento ao idoso, principalmente pela necessidade de deslocamento³ e o conseqüente aumento de custos para esse segmento, considerando a cobrança de taxas para as atividades. Com isso, perdia-se a possibilidade de ampliar o conhecimento acerca do envelhecimento e a oportunidade de qualificar pessoas para multiplicá-lo; 3) a necessidade de um trabalho comunitário com idosos que, por múltiplas razões, não participam das atividades específicas no espaço físico da UESC; eles estão em asilos, junto às famílias que os desprezam, estão em hospitais buscando atendimento; enfim, estão em muitos lugares; 4) o amplo desconhecimento, por parte da sociedade de um modo geral, de questões específicas do envelhecimento, tanto de cunho biológico mesmo, como as de cunho social (inclusive constitucional); 5) dificuldades de conseguir engajamento de professores em projeto de tal natureza, considerando a impossibilidade da cobrança pelas atividades e, conseqüentemente, não pagamento de *pro labore* aos professores e considerando, também, que os professores da própria Universidade não incluem, nos seus planejamentos acadêmicos, a carga horária dispensada às ações com os idosos. Por conta disso, as demandas acabam não sendo atendidas e, novamente, a opor-

³ A Universidade fica situada entre as cidades de Ilhéus (16km) e Itabuna (12km), o que traduz necessidade de transporte público e pagamento de passagens, considerando que as empresas não liberam meia passagem para o estudante idoso e o transporte é intermunicipal.

tunidade de ampliar conhecimento e qualificar pessoas para trabalhar com a temática.

Embora reconhecendo o papel que tem a educação no processo de envelhecimento da população e, mais que isso, o papel da própria universidade junto à comunidade do seu entorno, tem sido desafiador, na medida em que os idosos acrescentam demandas e exigências de várias ordens, na perspectiva de continuarem incluídos na sociedade a que pertencem, e na medida em que as diretrizes das universidades não estabelecem a educação de idosos como prioridade em suas políticas internas. Esta situação tem sido objeto de reivindicações sistemáticas nos Fóruns bianuais de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de IES, pelo menos desde 1.999, com promessas do MEC sem, no entanto, a sua efetiva concretude. Muitas das ações voltadas à pessoa idosa se desenvolvem por absoluto compromisso de seus coordenadores e de alguns professores que, mesmo envolvidos com outras ações, dedicam parte do seu tempo ao desenvolvimento de cursos, oficinas, outras atividades junto a esse segmento, ainda que não coloquem no Plano Individual de Trabalho⁴.

A reinserção desse sujeito idoso na sociedade, a mesma que o descarta pelo envelhecimento, tem encontrado na educação o eixo central para o aprendizado de envelhecer e dos processos que caracterizam o envelhecimento, sejam eles biológicos, psicológicos ou socioculturais. Desde os anos setenta reconhece-se que as gerações já afastadas do circuito da produção devem ser estimuladas, e facilitados os seus

⁴ Refiro-me ao caso específico da UESC

acessos, à educação das salas de aula, com um caráter menos formal mas contínuo, com ingressos facilitados sem a realidade do vestibular.

O conceito de educação permanente, consagrado pelo princípio da educação para todos ao longo de toda a vida, insere uma perspectiva de política educativa cujo eixo de apoio é a redistribuição social do conhecimento. Nesse sentido, a UESC se juntou a outras IES, e implantou em 2004⁵, definitivamente, o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, com projetos e ações efetivas voltadas para o sujeito envelhecendo, trazendo na perspectiva dessa implantação a idéia da universidade como um espaço político, de consolidação de cidadania para pessoas idosas, de capacitação profissional para atuação nos espaços públicos regionais, abrindo-se para recebê-los a partir de 50 anos e abrindo perspectivas de que idosos possam cursar disciplinas na graduação.

O consenso estabelecido nos últimos 30 anos é que só pela via da educação será possível derrubar os mitos de que o idoso não aprende ou é lento para aprender, de que gosta de se isolar, de que só vive do passado, de que perdeu a flexibilidade, a capacidade de atenção e concentração, e de que é incapaz para incorporar novos conhecimentos. Se é certo que o idoso diminui a agilidade (tempo e rapidez para executar alguma atividade), isso não traduz a diminuição de habilidades, tampouco da curiosidade que o cerca ou, ainda, da sua capacidade de pensar.

⁵ O projeto foi aprovado em 2002 mas a regulamentação só ocorreu em fins de 2003, a partir de quando ficou vinculado à Pró-Reitoria de Extensão.

Como em qualquer outra idade, o sujeito idoso também vai necessitar de motivação. De outro lado, muitos desses idosos de hoje não tiveram oportunidades, nas fases pretéritas de suas vidas, para muitos aprendizados (leitura, escrita, cálculos, outros conhecimentos), naturalmente que levados por vários motivos, desde a falta de condições para freqüentar escolas associada à inexistência de escolas publicas para absorver toda a população que a elas recorresse, dedicação à família e/ou trabalho. Portanto, em lugar de atribuir-lhes incapacidades, pode-se pensar que muitas das suas dificuldades podem traduzir falta de exercício e de oportunidade.

Essas ações, ainda que restritivas, por não incorporarem uma quantidade maior de idosos do entorno da Universidade, têm dado ao segmento idoso maior visibilidade e maior nível de consciência à população acadêmica como um todo. Ensinar a envelhecer com atitude positiva tem sido uma preocupação da educação com esse segmento; em outras palavras, ensinar a envelhecer não é outra coisa senão ensinar a viver a velhice de modo mais positivo, ensinar a construir uma cidadania mais consciente, deixando-se aparecer, participar e encontrar pontos de apoio para não ser levado por mensagens que seduzem, mas impessoalizam e discriminam.

Ao conceber tal Programa, a compreensão foi de que não basta transmitir conteúdos científicos sem a preocupação com o ser humano, seus sentimentos, expectativas, emoções, sem compreender suas relações e interações com a realidade, com a vida, com o outro. A educação vem se colocando como um con-

traponto à degradação da identidade da velhice, que só serve para legitimar a sociedade de consumo. E, como diz Touraine (1998, p. 69) “uma sociedade que tende a organizar-se a partir do consumo, não tem princípio de integração”.

Nesse sentido, a proposta da UnATI na UESC se insere na preocupação de olhar esse sujeito escolar como sujeito que tem desejos, vive experiências positivas e negativas, chora, se angustia, sofre, é feliz, come, bebe, viaja, fica em casa, trabalha em casa, se preocupa com filhos, marido/esposa, netos, vive dificuldades financeiras, conta/estica o pouco dinheirinho da aposentadoria para dar conta das demandas domésticas sua e da família. A proposta se materializa no conceito de educação continuada em torno de conhecimentos cujos conteúdos se voltem para um aprendizado diversificado, prazeroso, inclusive de envelhecer, e possibilitem a troca de experiências e atitudes multiplicadoras. Isto significa que o idoso aluno da Universidade da Terceira Idade se prepara para viver o seu momento, não apenas para o aprendizado do envelhecer, mas também para a solidariedade, e para o exercício do voluntariado, considerando que as diretrizes da UnATI contemplam ações/atividades dos alunos-idosos na comunidade (creches, hospitais, escolas, asilos).

O Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, foi concebido para funcionar através de múltiplas atividades, de ensino, de pesquisa e de extensão. Nas atividades de ensino foram incluídas disciplinas de cursos de graduação (Pedagogia, Agronomia, Direito, História, Geografia, Letras, Medicina Veterinária, Biologia, etc.) de livre escolha da pessoa idosa, com

vagas disponibilizadas semestralmente pelos colegiados de cursos, além de um curso de especialização *lato sensu* em Gerontologia Social para profissionais, com o objetivo de capacitá-los na especificidade do envelhecimento e velhice para atuação e intervenção na realidade onde vivem. Nas atividades de pesquisa, a idéia foi estimular o desenvolvimento de análises e estudos em torno do tema do envelhecimento e da velhice, tanto na graduação quanto em pós-graduações, com enfoques multidisciplinares.

Já nas atividades de extensão os alunos têm um Curso de Atualização, cujo objetivo é promover o auto-conhecimento, prevenir a velhice patológica e estimular a reflexão em torno de questões referentes às relações e posturas pessoais frente à vida, ao outro, ao meio social. Esse curso tem carga horária prevista de 300h, distribuídas em dois anos. As disciplinas básicas (aquelas que todos os alunos matriculados na UnATI devem cursar) são: 1) Gerontologia (45h) cuja abordagem inclui as diferentes compreensões do envelhecimento; as implicações biofisiológicas, psicológicas e sócio-culturais do envelhecimento; as múltiplas velhices; as relações familiares; a aposentadoria, o ócio, o trabalho e a ocupação; 2) Direitos Humanos (45h), cujo conteúdo trata de cidadania e conquistas sociais - os direitos civis, sociais e políticos; a violência e maus tratos no contexto público e privado; a Política Nacional do Idoso e sua aplicação no contexto local - o direito à educação, a saúde e as políticas públicas para diferentes segmentos sociais, cultura, transporte, moradia; 3) Memória e Auto-conhecimento (45h), tratando das identidades e subjetividades humanas,

as emoções e administração das perdas diárias; afetividade e sexualidade – a superação dos preconceitos; a auto-estima e a revalorização da vida.

Outras atividades fazem parte das ações da UnATI: língua estrangeira - nível básico, intermediário e avançado - (espanhol/inglês/frances); canto coral; noções de técnica vocal, mecânica respiratória e expressão corporal; constituição de repertório de canto coral para apresentações em público; teatro, com técnicas de improvisação e interpretação teatral, **expressão e criatividade**; constituição de repertório para encenações públicas; oficina de Artes; Cursos de Cinema, Biodança e trabalho voluntário na comunidade. Além disso, os alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade em podem participar de toda programação de extensão desenvolvida pela UESC em diferentes áreas do conhecimento (congressos, seminários, fóruns, simpósios, aulas públicas) e que integrem o elenco de seu interesse.

O calendário de matrículas, a oferta de disciplinas e de atividades/ações de extensão são previamente divulgados pela Universidade, em jornais locais, emissoras televisivas e radiofônicas. Neste segundo semestre de 2010 a UnATI tem cerca de 150 alunos frequentando os cursos de xadrez, frances avançado, renda de bilro, inglês intermediário, história da arte, bordado, *patchwork*, terapias corporais, física e matemática recreativas, espanhol intermediário, pintura em molde vasado, educação afetiva, teoria musical, teclado, (re) leituras de textos literários, canto coral e cultura da fraternidade.

Em matéria publicada internamente na Universi-

dade, o Coordenador da UnATI afirma que “ao longo desse tempo [refere-se aos 12 anos de existência de atividades voltadas à pessoa idosa], um contingente de 4.638 pessoas, de ambos os sexos, se integraram às 232 atividades extensionistas desenvolvidas através de cursos, minicursos, oficinas e palestras” (JORNAL DA UESC, 2010).

Compreendendo a vida como experiência e o viver como estar experimentando algo novo a cada momento, o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade tem trabalhado no sentido de que os seus participantes entendam que viver a velhice de forma positiva é, simultaneamente, viver, trocar, experimentar, aprender, conhecer. Nessa perspectiva, as atividades estimulam o exercício do relacionamento, do compartilhar experiências, do crescer juntos. A idéia desenvolvida é que “o fenômeno da mente está inseparavelmente ligado ao fenômeno da vida” (MORAES, 2003, p. 38) porque o idoso carrega dentro de si o mundo em que já viveu, o mundo em que vive e o que ainda está por viver.

A idéia de colocar a Universidade Estadual de Santa Cruz como um espaço para discussões, reflexões, reformulações e reelaborações de uma cultura de marginalização, de abandono e de preconceito a que ainda são condenados os idosos do nosso entorno, floresceu; um espaço de apoio para a busca de novos significados e condutas que produzam conhecimento em lugar de preconceito, prazer em lugar de sofrimento, valorização do tempo subjetivo em lugar do tempo do relógio, vem surtindo bons resultados, ainda que consideremos a necessidade de ajustes constantes, dado que educação é processo, é construção.

REFERÊNCIAS

DELORS, J. *Educação – um tesouro a descobrir*. São Paulo, Cortez.

FERREIRA, NT. Uma proposta Diferencialista de Educação para a cidadania. In: _____. *Cidadania – uma questão para a educação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1993.

JORNAL DA UESC. UNATI: um espaço aberto à terceira idade. Ilhéus, Bahia, março, 2010.

MORAES, MC. *Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade*. Petrópolis, Vozes. 2003

MORIN, E. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 6^a. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

SOARES, MVB. Cidadania e Direitos Humanos. In: CARVALHO, JS. (org). *Educação, Cidadania e Direitos Humanos*. Petrópolis, Vozes, 2004.

TOURAINÉ, A. *Poderemos Viver Juntos? Iguais e Diferentes*. Petrópolis, Vozes. 1998.

Recebido em setembro e 2010
Aprovado em dezembro de 2010